34ª Bienal de São Paulo Itinerância



Faz escuro

mas

eu canto

29 junho — 31 julho

José Olympio da Veiga Pereira

Presidente - Fundação Bienal de São Paulo

Com o objetivo de ampliar os acessos dos diferentes públicos aos seus conteúdos, a Fundação Bienal realiza o programa de mostras itinerantes, exposições que levam recortes da Bienal de São Paulo para diversas cidades do Brasil e do mundo nos anos subsequentes à grande mostra na capital paulistana.

Por meio de uma colaboração com o Governo do Estado de São Paulo – parceiro de longa data da Fundação Bienal em muitas de suas iniciativas –, o programa chega agora, pela primeira vez, a Campos do Jordão, acolhido pelo imponente Palácio Boa Vista. Essa parceria amplia o alcance da Bienal, que se expande a outros públicos, outras janelas e outras paisagens. De mãos dadas com o governo estadual, a Bienal reforça a missão compartilhada com a esfera pública de contribuir para o desenvolvimento social e humano de comunidades locais, ampliar o acesso à arte e preservar a memória e a identidade por meio de seus ativos culturais.

O programa de mostras itinerantes da Bienal aposta na arte como um dos caminhos para a emancipação, e parcerias como esta permitem a difusão do trabalho para além da cidade de São Paulo, chegando a outras localidades. A cada novo olhar e a cada novo encontro com a arte, o mundo se alarga um pouco, torna-se mais diverso e plural, abrindo espaço para a convivência entre diferentes e a construção de uma sociedade mais diversa.

Marcos Penido

Secretário de Governo do Estado de São Paulo

São Paulo incentiva a promoção de eventos culturais no interior e no litoral do estado a fim de democratizar o acesso à arte e à música.

Neste contexto, o Palácio Boa Vista, residência oficial do Governo do Estado, exibe durante o mês de julho uma intensa programação paralela ao já tradicional Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão, que chega a sua 52ª edicão.

Entre as atrações, o Palácio recebe a mostra itinerante da 34ª Bienal de São Paulo – *Faz escuro, mas eu canto* – reconhecida no Brasil e internacionalmente por discutir temas relevantes e atuais. O evento se integra a belíssima coleção de arte e de objetos históricos abrigada no interior do prédio que recebe cerca de 80 mil visitantes por ano.

Já no Festival Internacional de inverno, o turista que estiver no Vale do Paraíba poderá acompanhar ainda concertos no pátio frontal e na Capela São Pedro Apóstolo, no Boa Vista, e no parque Capivari, no auditório Cláudio Santoro. A apresentação chega também à capital paulista, em um importante ponto turístico e cultural que é a Sala São Paulo.

Iniciativas como essas promovem o turismo e o desenvolvimento regional gerando conhecimento, emprego e renda. O Governo de São Paulo acredita na cultura como elemento transformador da sociedade.

Ana Cristina Carvalho

Curadora do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

Desde o início de sua construção, em 1939, o Palácio Boa Vista desempenha um importante papel para a cultura da cidade de Campos do Jordão. Apesar das visitas ao palácio inacabado nesse primeiro momento, só em 1970 ele se torna palco dos primeiros concertos do Festival Internacional de Inverno, que começa no salão nobre, com o nome de "concerto à luz de vela". Nesse período, também foi formada a maior parte da coleção de arte do palácio. Desde então, são realizadas exposições e ações culturais que atraem visitantes de todo o país.

Neste ano de 2022, a 34ª Bienal de São Paulo – *Faz escuro mas eu canto* visita os salões do palácio e da capela São Pedro Apóstolo, ao lado, rejuvenescendo o prédio histórico, um palácio-museu.

A intenção é mesmo a de impacto, com obras reunidas que em um primeiro olhar podem parecer diferentes e paradoxais. No entanto, passando pelos ambientes do museu-casa, e da Capela – de projeto moderno (1989) realizado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha, prêmio Pritzker – descobrimos contrastes e aproximações, presentes também nas obras expostas, da arte barroca à arte contemporânea.

Portanto, as muitas camadas de memória que encontramos nesta itinerância da 34ª Bienal de São Paulo nos possibilitam entrar nos vários espaços com infinitas possibilidades de olhares e percepções, através dos caminhos traçados pelos curadores da Bienal, que invocam a preservação de identidades culturais.

O ponto de partida do projeto curatorial da 34ª Bienal de São Paulo foi o desejo de desdobrar a mostra. Buscando dialogar com os públicos, tão amplos e tão distintos, que visitam a Bienal há décadas, propusemos expandir a exposição no espaço e no tempo. Inaugurada oficialmente com uma performance e uma exposição individual no dia 8 de fevereiro de 2020, a Bienal continuaria em eventos realizados em parceria com diversas instituições culturais da cidade e culminaria na grande mostra coletiva, em dezembro do mesmo ano, amplificandose sucessivamente numa série de mostras itinerantes. No novo cenário imposto pela pandemia de Covid-19, vários aspectos dessa coreografia tiveram que ser redesenhados e o tempo do projeto fornou-se ainda mais espaçado, más nunca deixamos de acreditar no potencial de uma mostra concebida para multiplicar as oportunidades de encontro entre obras e pessoas.

Na búsca por uma linguagem para delinear os campos de força criados pelo encontro de obras produzidas em lugares e momentos distintos, propusemos alguns objetos e suas histórias, como *enunciados*: um sino que soou em momentos diversos de uma história que se repete; as imagens do homem mais retratado num tempo em que quase não havia retratos; cartas que, para chegar a uma criança, tiveram que atravessar as grades da cadeia e os olhos da censura... Esses enunciados pontuavam a 34ª Bienal, sugerindo leituras possíveis das obras ao seu redor, aglutinando e tornando tangíveis

as preocupações e as reflexões da curadoria. Funcionavam, nesse sentido, como o diapasão que ajuda a afinar um instrumento musical, ou a começar um canto. Na curadoria de uma exposição também é almejado algo parecido com uma afinação, um ajuste não isento de erros, acidentes e desvios, que o tempo expandido da 34ª Bienal nos permitiu.

Ao conceber e estruturar o conjunto de exposições itinerantes que percorrem o Brasil ao longo de 2022, o partido escolhido foi o de reunir núcleos de obras ao redor de enunciados específicos, como os extraordinários e emocionantes cantos Maxakali que reverberam aqui. As itinerâncias podem ser entendidas, nesse sentido, como metonímias da 34ª Bienal, partes que elucidam o funcionamento da exposição como um todo. A rigor, os enunciados aqui incluídos são dois, porque o título da 34ª Bienal, Faz escuro mas eu canto, também precisa ser entendido mais como um enunciado do que como um tema. Por meio desse verso do poeta amazonense Thiago de Mello, publicado em 1965, reconhecemos a urgência dos problemas que desafiam a vida no mundo atual, enquanto reivindicamos a necessidade da arte como um campo de resistência, ruptura e transformação. Ao longo de anos de trabalho, rodeados por colapsos de toda ordem, nos perguntamos uma e outra vez quais formas de arte e de presença no mundo são agora possíveis e necessárias. Em tempos escuros, quais são os cantos que não podemos seguir sem ouvir, e sem cantar?

Os Tikmű'űn, também conhecidos como Maxakali, são um povo indígena originário de uma região compreendida entre os atuais estados de Minas Gerais, Bahia e Espírito Santo. Após inúmeros episódios de violências e abusos, os Tikmű'űn chegaram a beirar a extinção nos anos 1940 e foram forçados a abandonar suas terras ancestrais para sobreviver. Os cantos organizam a vida nas aldeias, constituindo quase um índice de todos os elementos que estão presentes em seu cotidiano – plantas, animais, lugares, objetos, saberes - e envolvendo sua rica cosmologia. Grande parte desses cantos, muitas vezes destinados à cura, é executada coletivamente. O ato de cantar se torna, entre os Tikmű'űn, parte integral da vida, porque é através do canto que se preservam as memórias e se constitui a comunidade. Cada membro da aldeia é depositário de uma parte dos cantos, que por sua vez pertence a um espírito chamado Yāmîy, palavra que também designa os cantos –, convocado e alimentado durante o canto ritual. Todos os cantos, juntos, compõem o universo tikmű'űn, que é constituído por tudo que esse povo vê, toca, colhe, come, mata e sente, mas também pela memória de plantas e animais que não existem mais, ou que ficaram nos lugares de onde os Tikmű'űn tíveram que fugir para sobreviver. Como comunidade, vivem na língua que ainda praticam e defendem vigorosamente. Cantando.

Alguns cantos rituais tikmū'ūn são incorporados a esta mostra itinerante da 34ª Bienal, para servir de contraponto poético e catalisador simbólico para um conjunto de obras que têm entre seus disparadores uma reflexão sobre a floresta como ecossistema a ser protegido, respeitado e temido, no qual as relações inextricáveis entre todos os seres se fazem visíveis ou até tangíveis.

Faz quase sempre escuro quando os Tikmű'űn começam a cantar. Seus cantos entram noite adentro, convocam os espíritos de cada ser que compõe o mundo, reúnem o que vemos e o que não podemos ver. No contexto de uma exposição concebida ao redor da necessidade e do poder do canto, tanto num sentido literal quanto metafórico, o exemplo dos Tikmű'űn ressoa de modo potente, inclusive do ponto de vista político: em sua prática, o esforço comunitário é constantemente renovado para nomear e assim construir coletivamente um universo. Assim como numa floresta cada elemento é essencial para a sobrevivência dos outros e para o equilíbrio do todo, cada conjunto de cantos é indispensável para que a totalidade seja sempre reavivada e reafirmada. Nenhum dos entes desse rico cosmos pode ficar para trás, a não ser ao custo de perder algo insubstituível – num mundo doente, no qual a necropolítica impera e consolida a indiferença e o descaso como instrumentos de governo, essa lição ressoa de maneira ainda mais urgente.



série Mata, 2020

© Levi Fanan / Fundação Bienal de São Paulo



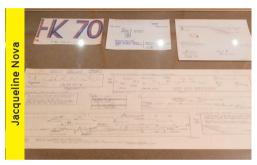
Two Choirs, 2013-2014 · Dois Coros

Cortesia da artista



Sem título, 1982

© Levi Fanan / Fundação Bienal de São Paulo



Creación de la tierra, 1972 · Criação da terra

© Levi Fanan / Fundação Bienal de São Paulo



Alteração em definição de arte da série Jogos de Arte, 1977

© Levi Fanan / Fundação Bienal de São Paulo



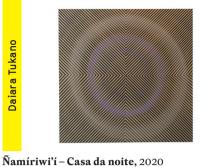
Alka Domo, 2017

Cortesia do artista



Cortesia da artista





© Levi Fanan / Fundação Bienal de São Paulo



SHIU!, 2018

© Levi Fanan / Fundação Bienal de São Paulo



Sunset by the Lake, 1995 · Pôr do sol no lago

© Levi Fanan / Fundação Bienal de São Paulo



Caldèras, 2013/2019

mais informações



© Levi Fanan / Fundação Bienal de São Paulo

34ª Bienal de São Paulo Itinerância Campos do Jordão

Palácio Boa Vista Entrada gratuita **29 junho** — **31 julho** qua – dom: 10h – 12h; 14h – 17h

Av. Adhemar Pereira de Barros, 3001 Alto da Boa Vista, Campos do Jordão – SP



PATROCÍNIO MASTER





instituto **VOTORANTIM**

Bloomberg

PATROCÍNIO







































APOIO

PARCERIA INSTITUCIONAL

PARCERIA CULTURAL















REALIZAÇÃO



